

Atitudes linguísticas de universitários em relação às formas pronominais *a gente* e *tu*

Linguistic attitudes of university students regarding the pronominal forms *a gente* and *tu*

Andréia Silva Araujo¹
Josilene de Jesus Mendonça²

Resumo: O uso da língua é uma forma de comportamento social (LABOV, 2008[1972]), com consequências intencionais e não intencionais (CARGILE, et al., 1994). Em um contexto social específico, a língua não só é usada para comunicar as necessidades, as ideias e as emoções dos seres humanos, mas também para fazer inferências a respeito das capacidades e atributos sociais do falante, ou seja, para emitir atitudes linguísticas conscientemente ou não. Neste trabalho, objetivamos identificar as atitudes linguísticas de estudantes universitários frente ao uso da forma pronominal de 1ª pessoa do plural **a gente** e da forma de 2ª pessoa do singular **tu**, bem como se elas (atitudes linguísticas) se assemelham ou não. Para subsidiar a análise, os dados foram coletados a partir da aplicação de um teste de atitude linguística a 60 estudantes (30 mulheres e 30 homens) da Universidade Federal de Sergipe, *Campus* Prof. Alberto Carvalho - Itabaiana/SE. Em termos gerais, os resultados evidenciaram que a percepção dos estudantes considera as dimensões de padronização e vitalidade das formas linguísticas, bem como a noção de normas sociais atreladas a esses comportamentos linguísticos, como adequação das formas na comunidade de fala. Além disso, os resultados apontaram que as formas pronominais em análise não são estigmatizadas pelos universitários, evidenciando, assim, que esse pronome possui aceitabilidade na comunidade em estudo.

Palavras-chave: Variação; Segunda pessoa do singular; Primeira pessoa do plural; Atitudes linguísticas.

Abstract: The use of language is a form of social behavior (LABOV, 2008 [1972]), with intentional and unintended consequences (CARGILE, et al., 1994). In a specific social context, language is not only used to communicate the needs, ideas and emotions of human beings, but also to make inferences about the speaker's social capacities and attributes, ie to consciously or non-consciously speak linguistic attitudes. In this work, we aim to identify the linguistic attitudes of university students regarding the use of the pronominal form of the first person plural and the 2nd person singular form as well as whether they (linguistic attitudes) resemble each other or not. To support the analysis, the data were collected from the application of a linguistic attitude test to 60 students (30 women and 30 men) of the Federal University of Sergipe, *Campus* Prof. Alberto Carvalho - Itabaiana / SE. In general terms, the results showed that students' perceptions consider the dimensions of standardization and vitality of linguistic forms, as well as the notion of social norms linked to these linguistic behaviors, as adequacy of forms in the speech community. Moreover, the results pointed out that the pronominal forms in analysis are not stigmatized by the university students, thus evidencing that this pronoun has acceptability in the study community.

Keywords: Variation; Second person singular; First person plural; Attitudes.

¹ Doutoranda em estudos linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe. E-mail: andrealuzinete@hotmail.com.

² Doutoranda em estudos linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe. E-mail: mendoncajosilene@gmail.com.

Introdução

O paradigma pronominal do português brasileiro está passando por um processo de reordenação e variação/mudança linguística em virtude do surgimento, no transcorrer dos anos, de outras formas para desempenhar funções já existentes no paradigma tradicional. Ao correlacionar o paradigma tradicional dos pronomes pessoais do caso reto com o atual (cf. quadro 1), constata-se que, neste último, há a inserção de duas formas emergentes: **você³(s)** e **a gente**. Esta para fazer referência à primeira pessoa do plural; aquela para fazer referência à segunda pessoa do singular (*ocê*) e do plural (*ocês*).

Quadro 1: Paradigmas dos pronomes pessoais do caso reto no português brasileiro

Paradigma tradicional	Paradigma de uso atual
Eu Tu Ele/Ela Nós Vós Eles/Elas	Eu Tu/Você/ocê/cê Ele/Ela Nós/A gente Vocês/ocês/cês Eles/Elas

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Temos, portanto, fenômenos em variação/mudança linguística, uma vez que duas formas desempenham uma mesma função no paradigma pronominal do português brasileiro. Vários estudos sociolinguísticos acerca da variação na expressão da segunda pessoa do singular têm sido realizados no português brasileiro (PAREDES SILVA, 2003; LOREGIAN-PENKAL, 2004; PERES, 2006; LOPES, 2007; GONÇALVES, 2008; MARTINS, 2010; FRANCESCHINI, 2011; MIRANDA, 2014; LOPES, 2016; entre outros), bem como sobre a variação na expressão da primeira pessoa do plural (LOPES, 1998; SEARA, 2000; BORGES, 2004; SILVA, 2004; BRUSTOLIN, 2009; SILVA, 2010; FRANCESCHINI, 2011; MENDONÇA, 2012; SANTOS, 2014; MENDONÇA, 2016; dentre outros), focalizando a produção dos fenômenos mencionados, com o intuito de identificar os fatores condicionantes do uso das variantes linguísticas. A escolha de uma ou de outra forma pronominal para expressar uma determinada função pode estar relacionada a fatores geográficos, históricos, socioeconômicos, etários, e inclusive, além de outros, atitudes linguísticas. No entanto, pesquisas acerca de atitudes linguísticas quanto a estes fenômenos variáveis ainda são incipientes no contexto brasileiro, evidenciando-se a necessidade de estudos.

Atitude linguística pode ser entendida como os julgamentos que o falante faz quanto aos usos da língua, que, entendida como objeto social, é suscetível à avaliação/atitude (LAMBERT; LAMBERT, 1966). Os julgamentos em relação a fenômenos variáveis da língua nem sempre estão no nível da consciência dos falantes, isso porque há traços linguísticos com forças avaliativas diferentes, portanto, com nuances

³ Canonicamente, a forma **você** é classificada como pronome de tratamento pelo fato desta ter se originado da expressão nominal de tratamento *Vossa Mercê* (cf. LOPES, 2007). No percurso histórico, em virtude da dinamicidade e heterogeneidade da língua, a forma **você** passou a ser utilizada como pronome pessoal em referência à segunda pessoa do singular, a qual é feita, de acordo com a perspectiva tradicional, pelo pronome pessoal **tu**.

de atitudes diferenciadas. Nesse sentido, a atitude reflete qual é o nível de consciência do falante acerca dos fenômenos em variação na língua, o que pode interferir na propagação ou no refreamento de uma deriva, tratando-se, portanto, de um aspecto significativo da mudança linguística (cf. WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]). Além disso, cabe ressaltar que o padrão da atitude linguística é determinado pelos grupos sociais de maior *status* de prestígio na sociedade. Em virtude disso, muitos falantes acabam tendo uma atitude negativa da própria variedade linguística quando esta não tem prestígio social.

Sendo assim, tomando por base tais noções, objetivamos, neste trabalho, identificar as atitudes linguísticas de estudantes universitários frente ao uso da forma pronominal de primeira pessoa do plural **a gente** e da forma de segunda pessoa do singular **tu**, bem como se elas (atitudes linguísticas) se assemelham ou não. Escolhemos a forma **a gente** para ser objeto de atitude linguística por essa ainda não estar presente no paradigma pronominal tradicional, embora apresente alta frequência de uso no português brasileiro (VIANNA; LOPES, 2015; MENDONÇA, 2016). Entre as formas variantes para a expressão da segunda pessoa do singular, elegemos a forma padrão **tu** como objeto de atitude linguística. A escolha dessa forma se deve ao fato de termos analisado as amostras linguísticas da cidade de Itabaiana/SE pertencentes ao banco de dados Falares Sergipanos (FREITAG, 2013), o qual é constituído por gravações de entrevistas sociolinguísticas, interações conduzidas e reuniões, e constatado que a forma pronominal **você** é a mais utilizada pelos informantes, o que pode ser um indício de que a forma canônica é sensível à avaliação social. Além disso, no estudo de Araújo e Jesus (2018), os estudantes da educação básica de Moita Bonita/SE, cidade circunvizinha de Itabaiana/SE, avaliaram negativamente a forma **tu**, sendo, portanto, mais um indicativo de que esta carrega um estigma social.

Os dados que subsidiam a análise foram coletados a partir da aplicação de um teste de atitude linguística aos estudantes da Universidade Federal de Sergipe, *Campus* Prof. Alberto Carvalho - Itabaiana/SE. Na seção a seguir, discutimos sobre as noções envolvidas no escopo das atitudes linguísticas e, em seguida, apresentamos os procedimentos metodológicos e os resultados e discussão da pesquisa realizada; por fim, expomos as nossas considerações finais.

Atitudes linguísticas: crenças e julgamentos sociais

A língua é uma força social que constitui as relações humanas e é constituída nestas relações. O uso da língua é uma forma de comportamento social (LABOV, 2008[1972]), com consequências intencionais e não intencionais (CARGILE, et al., 1994). Em um contexto social específico, a língua não só é usada para comunicar as necessidades, as ideias e as emoções dos seres humanos, mas também para fazer inferências a respeito das capacidades e atributos sociais do falante. Esse processo social envolvido nas interações linguísticas afeta as relações sociais, com consequências práticas, por exemplo, ser bem sucedido, ou não, em uma entrevista de emprego, como também os valores atribuídos a determinadas variedades de língua, interferindo nos processos de variação e mudança linguísticas (LABOV, 2008[1972]).

O conceito de atitudes, advindo da Psicologia Social, está relacionado a uma orientação avaliativa a algum objeto social (GARRETT, 2010). As atitudes linguísticas apresentam três componentes essenciais: cognitivo, afetivo e comportamental. As crenças sobre o falante, a sua associação a determinados grupos

sociais e o julgamento dos atributos dos membros desse grupo são desencadeados a partir da variedade de língua utilizada pelo falante. Essas crenças, construídas a partir de estereótipos desenvolvidos nas relações intergrupais, constituem a dimensão cognitiva das atitudes linguísticas. No entanto, embora as crenças sejam fundamentalmente cognitivas, podem desencadear e serem desencadeadas por reações afetivas⁴ (GARRETT; COUPLAND; WILLIAMS, 2003, p. 10).

As crenças são construídas seletiva e favoravelmente para atender as necessidades cognitivas individuais e coletivas do ouvinte (CARGILE, et al., 1994). No nível individual, o ouvinte opera com categorização e julgamentos de categorias, acentuando semelhanças e diferenças entre as categorias, bem como preservando e defendendo o próprio sistema de valores. As necessidades cognitivas coletivas relacionadas aos estereótipos em contextos intergrupais apresentam duas funções sociais: explicativa e diferenciadora. A função social explicativa está relacionada à criação e à manutenção de ideologias de grupo, justificando as relações intergrupais. A função de diferenciação social "diz respeito ao papel dos estereótipos em preservar, criar ou melhorar as diferenças de valor positivo entre grupos internos e grupos externos relevantes"⁵ (CARGILE, et al., 1994, p. 221).

O componente afetivo das atitudes linguísticas está relacionado aos sentimentos desencadeados por determinados comportamentos linguísticos. Segundo Cargile et al. (1994), uma atitude pode ser afetiva por natureza, pois, mesmo quando o ouvinte não conhece a língua ou sotaque do falante, não tendo, portanto, conhecimento para desenvolver crenças sobre o falante e seu grupo social, é afetivamente afetado, considerando a variedade de língua utilizada agradável ou irritante. Porém, segundo os autores, é raro que o componente cognitivo seja desprovido de conteúdo afetivo. A combinação entre os componentes cognitivo e afetivo pode predispor certos comportamentos. No entanto, não há necessariamente uma relação direta entre crenças, sentimentos e comportamento, pois o comportamento real depende das normas sociais predominantes e do caráter específico do ouvinte no momento da situação interativa.

As atitudes linguísticas também podem sofrer influência das realidades políticas, históricas e econômicas superpostas à qualquer situação social. No tocante aos fatores percebidos culturalmente, as variedades linguísticas podem ser caracterizadas pelas dimensões de padronização e vitalidade. A padronização diz respeito à dimensão estática relacionada à compilação de dicionários e gramáticas, bem como à promoção de determinadas variedades pelas elites sociais e pelo governo. A vitalidade das variedades linguísticas, dimensão mais dinâmica, relaciona-se ao alcance e importância da variedade, como também às pressões sociais em direção às mudanças no uso da língua.

As atitudes linguísticas têm sido estudadas a partir de três técnicas investigativas: tratamento societal (análise de conteúdo), abordagem direta e medidas indiretas. A análise de conteúdo é uma técnica não invasiva em que se considera o *status* relativo e o valor das variedades linguísticas. Essa abordagem é realizada por meio de técnicas de observação, observação participante, estudos etnográficos, análise de políticas governamentais e educacionais, documentos governamentais e comerciais, jornais e meios de transmissão. O tratamento societal das atitudes linguísticas incide sobre variedades de língua claramente identificáveis, não sendo, portanto, indicada para o estudo de atitudes

⁴ Beliefs are said to be fundamentally cognitive in nature. However, it is usually argued that, even if beliefs do not have any affective content, they may trigger and indeed be triggered by strong affective reactions.

⁵ Concerns the role of stereotyping in preserving, creating, or enhancing positively valued differentiations between relevant ingroups and outgroups.

em relação a comportamentos linguísticos mais específicos como sotaque, qualidade de voz, diversidade lexical, entre outros fenômenos variáveis que ocorrem dentro das variedades linguísticas, não somente entre as variedades. Além dessa restrição de foco, a análise de conteúdo tem sido criticada por pautar-se na inferência do próprio pesquisador (GARRETT; COUPLAND; WILLIAMS, 2003).

A abordagem direta das atitudes linguísticas consiste em perguntar abertamente em relação a vários comportamentos linguísticos. Com o uso dessa técnica investigativa, os próprios informantes são solicitados a relatar suas atitudes sobre avaliação de fenômenos variáveis e preferências. O método direto usa entrevistas ou questionários, possibilitando a análise de atitudes em relação a dialetos, determinadas pronúncias, padrões gramaticais e escolhas lexicais. Essa técnica, por incidir diretamente sobre o componente cognitivo das atitudes, está sujeita a reflexões e vieses de desejabilidade social e aquiescência. A situação social de entrevista ou questionário pode levar a respostas socialmente apropriadas, pois o informante deseja construir uma imagem social positiva. Além disso, pode ocorrer também o viés de aquiescência, em que o informante responde aquilo que ele acha que o pesquisador quer obter como resposta. Embora haja a possibilidade de que as respostas dadas não representem as atitudes efetivas do informante em uma situação social real, a reflexividade desencadeada por essa abordagem permite acessar as atitudes empiricamente (GARRETT; COUPLAND; WILLIAMS, 2003).

A abordagem indireta utiliza técnicas mais sutis de mensuração das atitudes linguísticas. Três estratégias são usadas nessa abordagem: observar os sujeitos sem que eles saibam, observar aspectos do comportamento ou enganar os sujeitos com sucesso (GARRETT; COUPLAND; WILLIAMS, 2003). Na técnica indireta, os participantes não sabem qual comportamento linguístico eles estão avaliando, avalia-se o falante, considerando-o amigável, inteligente, entre outros atributos sociais. Nesse tipo de técnica investigativa, considera-se que a avaliação dos falantes reflete as atitudes em relação à variedade ou ao comportamento linguístico, por isso há um rígido controle dos fatores linguísticos presentes nos estímulos experimentais.

Neste estudo, adotamos a abordagem direta para mensuração das atitudes linguísticas dos estudantes universitários em relação às formas pronominais **a gente** (1ª pessoa do plural) e **tu** (2ª pessoa do singular). A abordagem direta possibilita a mensuração de atitudes em relação a padrões gramaticais, por isso consideramos essa técnica adequada para mensurar as atitudes linguísticas em relação a essas variantes do paradigma pronominal do português brasileiro. O uso das formas **a gente** e **tu** relaciona-se às dimensões de padronização e vitalidade, haja vista a frequência de uso dessas variantes em Sergipe, **a gente** com alta frequência (FREITAG, 2016), **tu** com baixa (conforme análise do banco de dados Falares Sergipanos (FREITAG, 2013)), bem como sua relação com o paradigma tradicional/canônico dos pronomes pessoais. O viés de reflexividade, possibilitado pelo enfoque na dimensão cognitiva das atitudes, embora possa levar a resultados que não refletem as atitudes reais em situação sociais fora da situação de entrevista/questionário, possibilita a mensuração das crenças socialmente construídas e aceitas em relação às variantes **a gente** e **tu**. Na seção seguinte, apresentamos os procedimentos para elaboração do questionário de atitude, para a coleta e tratamento dos dados.

Procedimentos metodológicos

Para realizarmos esta pesquisa, elaboramos, a partir de uma abordagem direta, um questionário⁶ de atitudes linguísticas, composto por seis perguntas, considerando: i) a percepção da variação na expressão da primeira pessoa do plural (1ªPP) e da segunda pessoa do singular (2ªPS) na cidade onde o falante mora; ii) crença do uso da forma **a gente** e da forma **tu** pelo próprio falante; iii) a avaliação da forma **a gente** e da forma **tu**; iv) a percepção do uso dessas formas em relação à variação diatópica; v) a percepção do uso dessas formas em relação à escolaridade; e vi) a percepção do uso dessas formas em relação ao preconceito linguístico.

Esse questionário foi aplicado a estudantes da Universidade Federal de Sergipe, *Campus* Prof. Alberto Carvalho (Itabaiana/SE). Este *campus* é decorrente do programa do Governo Federal de expansão e interiorização da educação superior no Brasil. Suas atividades foram iniciadas no dia 14 de agosto de 2006 e há, atualmente, dez cursos em funcionamento, dentre os quais sete são de licenciatura. O *campus* recebe cerca de 2500 estudantes diariamente provenientes da cidade de Itabaiana e de outras cidades do interior de Sergipe, principalmente, das circunvizinhas. Nesta pesquisa, participaram 60 estudantes do *campus* (30 mulheres e 30 homens, com idades entre 19 e 38).

As respostas obtidas com a aplicação do questionário foram submetidas ao programa estatístico RStudio. Para a 5ª e a 6ª perguntas, solicitamos que os estudantes justificassem suas respostas. Em virtude da variabilidade de respostas à 4ª pergunta e de justificativas à 5ª e 6ª perguntas, utilizamos o *software* on-line *coggle*⁷ pelo fato de este fazer uma representação visual de dados de palavras-chave através de um diagrama/mapa mental, que possibilita maior visibilidade aos resultados. Na seção a seguir, apresentamos os nossos resultados e discussão.

Resultados e discussão

A variação na expressão da primeira pessoa do plural, bem como a variação na referência à segunda pessoa do singular são fenômenos variáveis atrelados a padrões gramaticais, portanto, passíveis de serem avaliados a partir de uma abordagem direta de atitudes linguísticas. O paradigma pronominal em uso no português brasileiro distingue-se do paradigma tradicional, abonado em gramáticas normativas e livros didáticos, na expressão da primeira pessoa do plural e da segunda pessoa do singular/plural.

A variante **a gente**, embora apresente alta frequência de uso, ainda não figura nos manuais normativos (CUNHA; CINTRA, 1985; BECHARA, 2006; 2009; FARACO; MOURA, 2003; TERRA; NICOLA, 2004; CEREJA; MAGALHÃES, 2008) como uma forma de expressão da primeira pessoa do plural com valor idêntico ao pronome canônico **nós**. Por outro lado, a forma **tu** está presente no paradigma tradicional, mas a expressão da segunda pessoa do singular em Sergipe ocorre em maior frequência pela variante **você**. As formas pronominais **a gente** e **tu** apresentam *status* linguístico opostos no estágio atual de variação no paradigma pronominal. Essa distinção linguística, atrelada aos fatores culturais percebidos, padronização e vitalidade, torna a análise em conjunto das atitudes linguísticas em relação a essas

⁶ Elaborado com base nos estudos de Cardoso (2015) e de Freitag e Santos (2016).

⁷ Link de acesso ao software: <https://coggle.it/>.

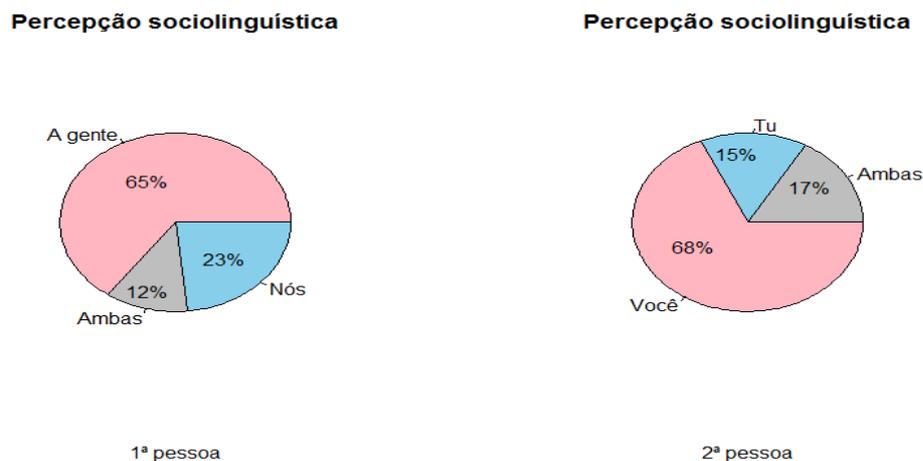
variantes produtiva, pois possibilita a mensuração da percepção dos universitários em relação às dinâmicas linguísticas atuais no paradigma dos pronomes pessoais.

Nesta seção, apresentamos as atitudes dos universitários em relação aos pronomes **a gente** e **tu** a partir de seis parâmetros de julgamento: percepção da variação, crença a respeito do próprio uso linguístico, julgamento metalinguístico das formas, região, escolaridade e preconceito. Para melhor organização na apresentação dos resultados, a seção está subdividida em subseções, nas quais são apresentados os resultados para cada parâmetro.

Percepção do fenômeno variável

Para mensurar as atitudes linguísticas dos estudantes universitários em relação às formas **a gente** e **tu**, faz-se necessário primeiro analisar a percepção desses estudantes em relação aos dois fenômenos variáveis. Nesse sentido, a primeira pergunta do questionário – “Onde você mora é comum falar nós ou a gente? / Onde você mora é comum falar tu ou você?” - considerou o uso das formas variantes na cidade onde os informantes moram, a fim de captar a percepção dos estudantes em relação à variação. As respostas dos estudantes são apresentadas no gráfico 1.

Gráfico 1: Percepção sociolinguística dos fenômenos variáveis



Fonte: Elaborado pelas autoras.

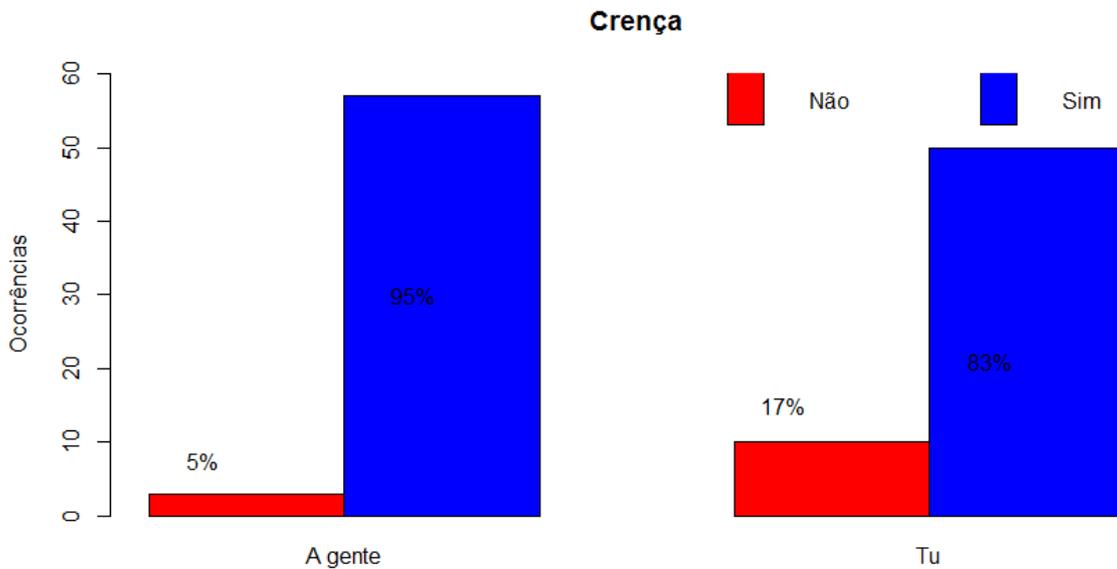
A percepção dos universitários em relação ao padrão de uso das formas pronominais de primeira pessoa do plural e segunda pessoa do singular em suas respectivas comunidades são semelhantes, considerando a interseção entre padronização e vitalidade das formas variantes, pois as formas consideradas de maior frequência são **a gente** e **você**, formas ainda fora do paradigma tradicional. As formas canônicas **nós** e **tu** são percebidas como de menor frequência nas comunidades dos universitários. Na avaliação de uso das duas pessoas gramaticais, os universitários também consideraram o uso concomitante das duas formas linguísticas, demonstrando consciência do processo de variação. A percepção dos universitários corrobora os resultados apontados em estudos de produção realizados em

Sergipe (SANTOS, 2014; MENDONÇA, 2016), evidenciando que a variação no paradigma pronominal do português brasileiro está no nível da consciência dos falantes.

Crença em relação ao próprio comportamento linguístico

A segunda pergunta do questionário de atitudes – “Você fala *a gente*? / Você fala *tu*?” –incide diretamente sobre as variantes objeto de avaliação, a fim de mensurar a crença dos universitários em relação ao próprio uso linguístico. Em relação à forma **a gente**, 95% dos universitários afirmaram usar essa variante (cf. gráfico 2), corroborando com a percepção do fenômeno variável na comunidade onde vivem, conforme apresentado no gráfico 1. A forma **tu**, embora tenha sido apontada pelos universitários como de baixa frequência de uso em suas respectivas comunidades (cf. gráfico 2), os universitários afirmaram usá-la, com percentual de 83%.

Gráfico 2: Crença em relação ao próprio uso linguístico



Fonte: Elaborado pelas autoras.

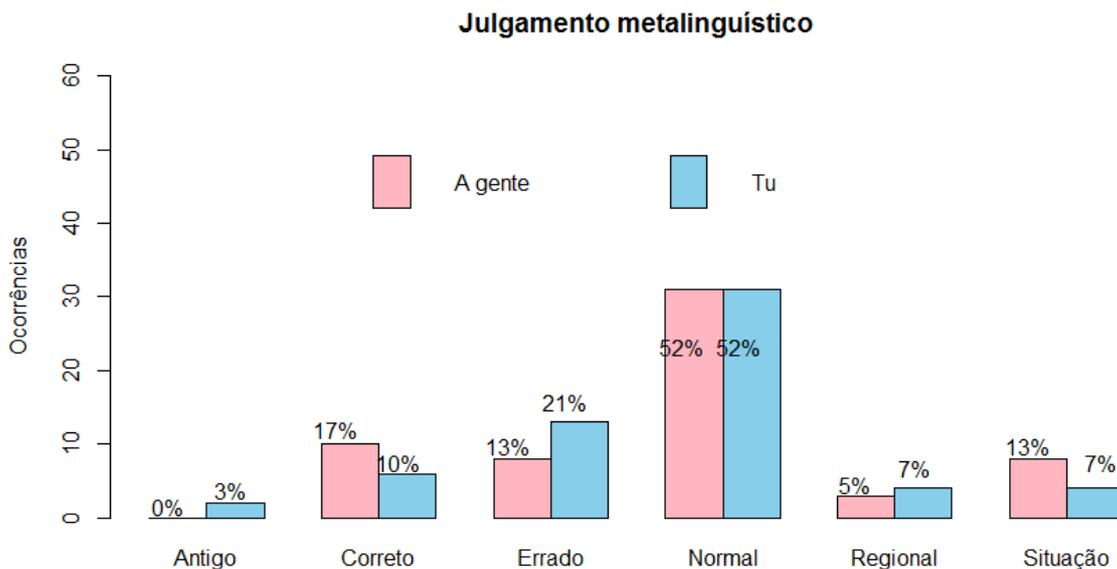
O alto percentual de respostas favoráveis para ambas as variantes sugere que os pronomes **a gente** e **tu** não são alvos de estigmatização pelos universitários. Porém, se observarmos as respostas desfavoráveis ao uso, a forma **tu** obteve um maior percentual de resposta negativas, 17 %, contra 5% de respostas desfavoráveis para **a gente**, mostrando que há uma diferença, embora pequena, de avaliação das formas **a gente** e **tu**. O pronome **a gente** apresenta maior aceitação pelos universitários. Esse resultado mostra que o efeito da vitalidade da forma **a gente**, isto é, da sua alta frequência de uso tanto do ponto de vista da produção quanto da percepção, interfere nas atitudes linguísticas dos universitários.

Por outro lado, embora a forma **tu** seja padrão, apresenta um grau de não aceitação maior do que **a gente**.

Avaliação das formas linguísticas

Em relação à avaliação das formas pronominais em foco, foi perguntado diretamente aos universitários o que eles achavam de falar os pronomes **a gente** e **tu**, a fim de captar os julgamentos metalinguísticos, domínio cognitivo das atitudes linguísticas, a respeito dessas variantes, mas também mensurar a dimensão afetiva dos participantes em relação a esses comportamentos linguísticos, tendo em vista que as crenças não são desprovidas de sentimento. As avaliações dos universitários são apresentadas no gráfico 3.

Gráfico 3: Avaliação dos universitários em relação aos pronomes *a gente* e *tu*



Fonte: Elaborado pelas autoras.

As formas linguísticas **a gente** e **tu** foram associadas a seis valores avaliativos: antigo, correto, errado, normal, regional e situação. No gráfico 3, podemos observar que 52% das respostas avaliaram ambas as formas pronominais como normais. Esse resultado se mostra coerente com a crença de uso dos universitários, haja vista que houve um percentual alto de respostas favoráveis ao uso de ambos os pronomes, com percentual de 95% para **a gente** e 83% para **tu**, conforme gráfico 2.

Esses resultados sugerem que as formas **a gente** e **tu** não são avaliadas negativamente pelos universitários, pois o valor normal associa-se a um padrão de comportamento linguístico recorrente na língua. Em outras palavras, trata-se de formas aceitas pelos universitários para a expressão das pessoas

gramaticais, primeira pessoa do plural e segunda pessoa do singular, respectivamente. Porém, é preciso considerarmos que essa avaliação pode representar um não comprometimento dos universitários com o julgamento desses comportamentos linguísticos, ou seja, os estudantes podem ter preferido não se posicionar favorável ou desfavoravelmente às formas, já que a abordagem direta das atitudes linguísticas possibilita um viés de reflexão.

A avaliação dos pronomes **a gente** e **tu** em função dos valores correto e errado, associados à dimensão de padronização de variedades linguísticas, mostra uma distinção de percepção dos universitários em relação aos pronomes avaliados. Embora com pequena diferença percentual, a forma **a gente** é considerada mais correta, com percentual de 17%, do que o pronome **tu**, com percentual de 10%. Por outro lado, a forma **tu** foi mais associada ao valor errado, com percentual de 21%, do que **a gente**, com 13% de valorações nesse sentido. Esses resultados são muito significativos do ponto de vista das atitudes linguísticas, pois evidenciam que a variação no paradigma pronominal de primeira pessoa do plural e de segunda pessoa do singular é percebida a partir da dimensão de vitalidade das formas, ou seja, os universitários consideraram as pressões de uso ao atribuírem o valor de correto para **a gente**, maior frequência de uso, e o valor errado para **tu**, menor frequência de uso, desconsiderando a dimensão de padronização do paradigma pronominal tradicional.

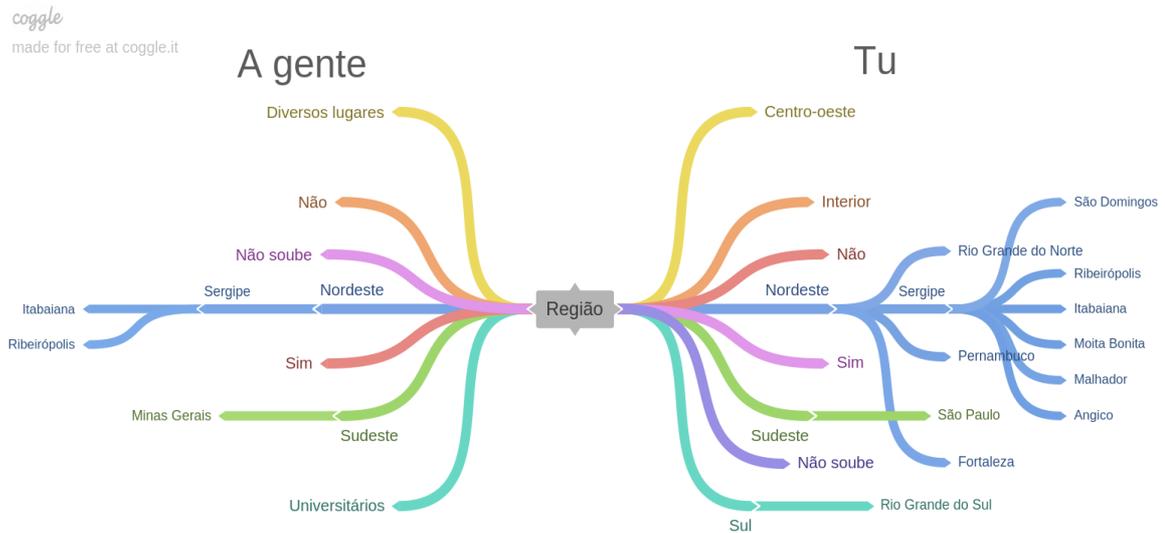
A atribuição do valor regional para as formas **a gente** e **tu** ocorreu de maneira semelhante, com percentual de 5% e 7%, respectivamente. A valoração antigo foi atribuída apenas ao pronome **tu**, percentual de 3%, não havendo nenhuma avaliação nesse sentido em relação a forma linguística **a gente**. Essa avaliação pauta-se na percepção de que a forma **tu**, embora seja canônica, apresenta pouca frequência de uso na comunidade de fala atualmente, conforme resultados apresentados no gráfico 1. Por fim, o valor situacional atribuído às formas (ou seja, as formas são aceitas apenas em determinadas situações sociais) também diferencia a percepção dos pronomes avaliados. A forma **a gente** foi associada ao valor contextual com maior percentual do que o pronome **tu**, com percentuais de 13% e 7%, respectivamente. Essa associação das formas linguísticas com a noção de adequação evidencia a consciência dos universitários em relação às normas sociais atreladas aos comportamentos linguísticos, ou seja, os valores de *status*, prestígio e adequação das formas na comunidade de fala.

Percepção do aspecto regional

Os estudos têm evidenciado que alguns fenômenos linguísticos variáveis são condicionados pelo fator regional, ou seja, há usos linguísticos que só ocorrem ou são mais frequentes em determinadas regiões/localidades. Sendo assim, identificar se os estudantes percebem alguma relação entre o uso das formas pronominais focalizadas neste trabalho e o aspecto regional é de suma importância para entender o processo de variação linguística na expressão da 1ªPP e 2ªPS.

No que concerne à atitude dos estudantes quanto ao uso das formas pronominais de 1ªPP e 2ªPS, referente à quarta pergunta do teste - "Você acha que esse jeito de falar é típico de algum lugar do Brasil? E aqui em Sergipe?" -, constatamos, conforme mostra a figura 1, que as respostas dos estudantes foram um pouco diferentes.

Figura 1: Correlação entre o uso das formas pronominais e a aspecto regional



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Na figura 1, verificamos que alguns estudantes correlacionaram o uso da forma **a gente** à região Nordeste (principalmente) e Sudeste. Ao especificarem as cidades/estados da região Nordeste que utilizam esse pronome, a maioria mencionou o estado de Sergipe e alguns citaram as cidades de Itabaiana e Ribeirópolis; e quanto à região Sudeste, mencionaram que, na cidade de Minas Gerais, é típico. Tais respostas podem estar ligadas ao fato de eles não conhecerem outras regiões e, portanto, limitarem-se a dizer apenas os lugares em que, de alguma forma, já tiveram contato com alguém de lá. Um dos estudantes afirmou que o uso da forma pronominal **a gente** é típica de diversos lugares e um outro mencionou que o uso da forma é característico dos universitários. Alguns estudantes afirmaram que essa forma é típica de alguma região/cidade, mas não souberam explicar, e os demais disseram que não é típico ou não souberam responder. De acordo com os estudos sociolinguísticos, o uso da forma pronominal **a gente** no português brasileiro falado possui, em termos gerais, altas taxas de frequência em diversos lugares do país, evidenciando, dessa forma, que o uso da forma não está condicionada ao fator regional (VIANNA; LOPES, 2015); o que justifica o posicionamento desses estudantes.

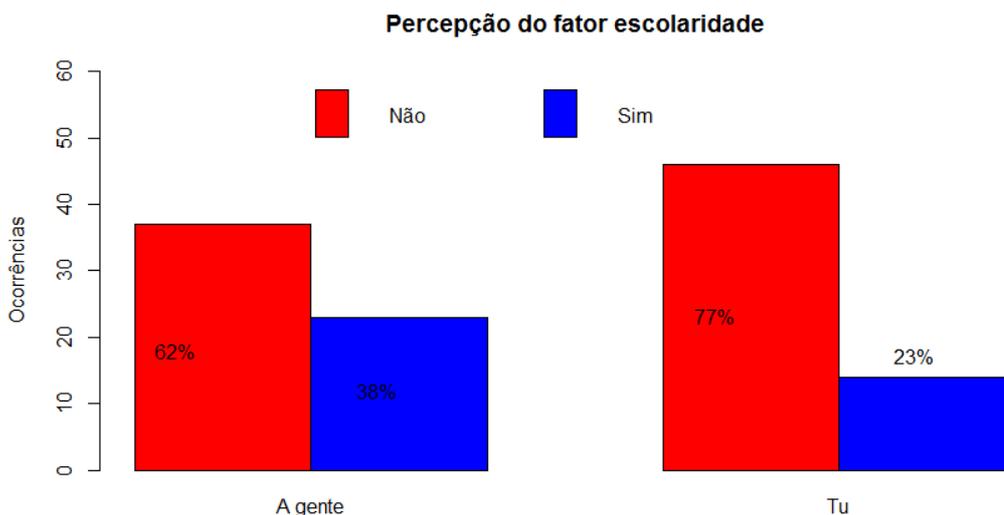
Quanto ao uso da forma pronominal **tu**, em comparação a forma **a gente**, os estudantes correlacionaram-na a uma maior diversidade de localidades. Estes relacionaram o uso da forma às regiões Nordeste, Sul, Sudeste e Centro-oeste. Muitos estudantes também especificaram as cidades/estados em que a utilizam. Assim como ocorreu com a forma de 1ªPP, a maioria relacionou o uso da forma **tu** à região Nordeste e citou os estados de Pernambuco, Rio Grande do Norte, Ceará (Fortaleza) e, principalmente, Sergipe. Ao especificarem as cidades de Sergipe em que os falantes fazem uso desse pronome, mencionaram cidades do interior que são circunvizinhas uma das outras (São Domingos, Itabaiana, Ribeirópolis, Malhador, Moita Bonita), com exceção de Angico; ninguém fez referência à capital Aracaju. Em relação às demais regiões mencionadas, alguns estudantes afirmaram que há o uso do **tu** nas cidade de São Paulo (Sudeste) e Rio grande do Sul (Sul). Os resultados de estudos sociolinguísticos evidenciam altas taxas de uso da forma pronominal **tu** na região Sul (cf. LOREGIAN-PENKAL, 2004), mas, em relação

à região Sudeste, não se tem constatado a utilização dessa forma com frequências substanciais (cf. CALMON, 2010). Além disso, um dos informantes afirmou que a forma é típica do interior e outros disseram que é típica de algum lugar, mas não sabiam especificar de onde ou que não era típica de nenhum lugar (apenas 8 informantes relataram isso).

Percepção do fator escolaridade

A quarta pergunta do teste – “Você acha que o uso dessa palavra tem a ver com o nível de estudo da pessoa?” – correlaciona a percepção das formas pronominais em foco ao nível de escolaridade do falante, a fim de verificar se os falantes percebem alguma relação entre o uso das formas e esse fator extralinguístico, que, para muitos fenômenos linguísticos, é um importante condicionador do uso de uma ou de outra forma variável, o qual pode promover ou barrar a mudança (VOTRE, 2010).

Gráfico 4: Correlação entre o uso das formas pronominais e a escolaridade



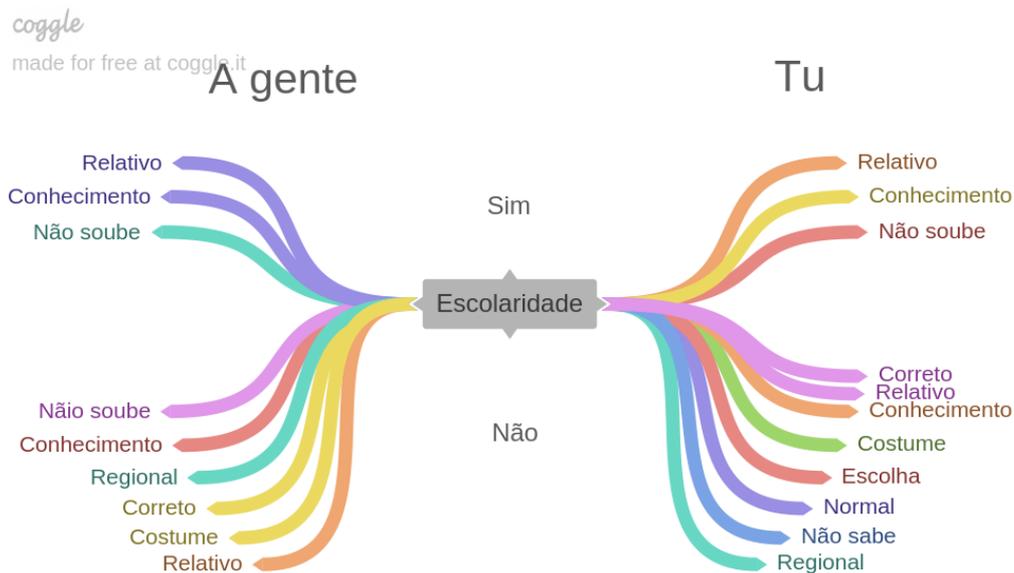
Fonte: Elaborado pelas autoras.

Conforme evidencia o gráfico 4, a maioria dos universitários afirmou que o uso da forma **a gente** não está correlacionado ao nível de escolarização do falante, apresentando um percentual de 62%; e 38% dos estudantes afirmaram que sim. O maior percentual de respostas negando a relação entre o uso de **a gente** e a escolaridade do falante corrobora resultados de estudos de produção, em que se evidencia que o fator escolaridade não é significativo para a variação na expressão da primeira pessoa do plural (FRANCESCHINI, 2011; MENDONÇA, 2012; FOEGER, 2014). Quanto à forma pronominal **tu**, 77% dos estudantes alegaram que não veem relação entre o uso da forma e a escolaridade, já 23% deles disseram que sim. Os resultados de estudos sociolinguísticos têm evidenciado que a escolaridade tem se mostrado estatisticamente significativo na escolha da forma **tu** ou de outra variante nas expressões da 2ªPS

(LOREGIAN-PENKAL, 2004; MODESTO, 2006; FRANCESCHINI, 2011). Observa-se que há uma sutil diferença na percepção do condicionamento do fator escolaridade no uso da forma **a gente** e da forma **tu**, uma vez que o quantitativo de universitários que afirmou existir interferência da escolaridade quanto ao uso da forma de 1ªPP foi maior do que em relação à forma de 2ªPS. É possível que isso tenha ocorrido pelo fato de a forma **tu** estar presente nas gramáticas normativas (CUNHA; CINTRA, 1985; BECHARA, 2006; 2009) e manuais didáticos (FARACO; MOURA, 2003; TERRA; NICOLA, 2004; CEREJA; MAGALHÃES, 2008) como a forma padrão/canônica, não ocorrendo o mesmo com a forma *a gente*.

Além de perguntarmos se há interferência da escolaridade no uso ou não das formas pronominais **a gente** e **tu**, solicitamos que os estudantes justificassem sua resposta. Na figura 2, estão dispostas as justificativas dos estudantes.

Figura 2: Justificativas para a correlação entre o uso das formas pronominais e a escolaridade



Fonte: Elaborado pelas autoras.

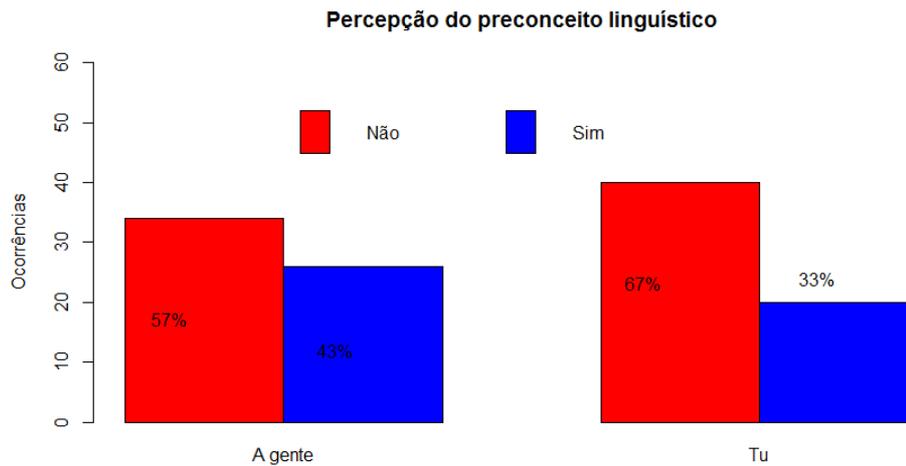
Ao justificarem as suas respostas, os estudantes que mencionaram existir uma relação entre a utilização dessas formas pronominais e a escolaridade afirmaram que é relativo o uso tanto de da forma **a gente** quanto da forma **tu** porque depende do contexto, de quem é o interlocutor etc. Outros afirmaram que depende do conhecimento da pessoa (nível de escolarização) ou não souberam dizer o porquê da interferência da escolaridade no uso das formas pronominais.

Quanto às justificativas dos estudantes que afirmaram não existir interferência da escolaridade no uso das formas, estas foram bem variadas. Os estudantes justificaram o não condicionamento desse fator no uso de ambas as formas a partir de palavras como correto, regional, conhecimento, relativo, costume ou não souberam justificar. Além dessas palavras, os estudantes justificaram a não interferência da escolaridade no uso da forma **tu**, atrelando esse uso a uma questão de escolha da pessoa em usar ou não e ao fato de ser normal utilizá-la.

Percepção do preconceito linguístico

A última pergunta do teste de atitude linguística – “Você acha que as pessoas que falam desse modo sofrem preconceito? Por quê?” – objetivava verificar se os estudantes percebiam/achavam que as pessoas que utilizam a forma **a gente** e a forma **tu** sofrem preconceito ou não. Os resultados obtidos com esse questionamento estão expostos no gráfico 5.

Gráfico 5: Correlação entre o uso das formas pronominais e o preconceito linguístico

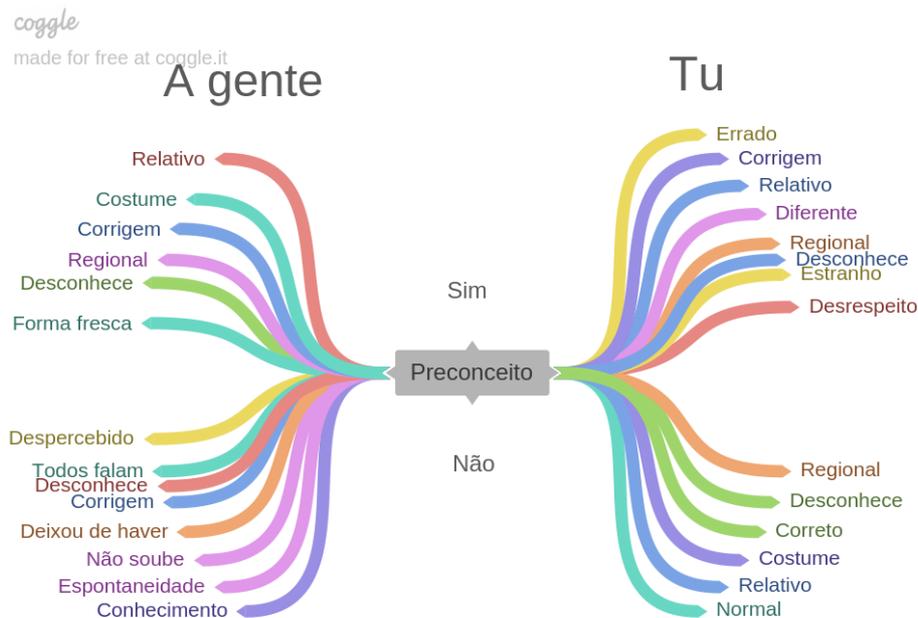


Fonte: Elaborado pelas autoras.

De acordo com o gráfico 5, 57% dos estudantes acreditam que as pessoas não sofrem preconceito por falar a forma **a gente**; já 43% deles acreditam que sim. Este trata-se de um percentual bastante expressivo, apesar de não ser a maioria, e vai de encontro ao que os resultados de estudos sociolinguísticos apontam - de que não há estigma quanto ao uso de **a gente**. Em relação à forma de 2ªPS, 67% dos estudantes acham que as pessoas, ao falarem essa forma, não sofrem preconceito e 33% deles responderam que não. Portanto, nota-se que a avaliação negativa a respeito da forma **a gente** é maior do que da forma **tu**.

Assim como na pergunta anterior, solicitamos que os estudantes, ao afirmarem que as pessoas sofrem ou não preconceito ao utilizarem as formas pronominais, justificassem suas respostas. Na figura a seguir, expomos as palavras utilizadas para justificar a percepção do preconceito linguístico quanto às formas **a gente** e **tu**.

Figura 3: Justificativas para a correlação entre o uso das formas pronominais e o preconceito



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Os estudantes, ao mencionarem que a pessoa que fala **a gente** ou **tu** sofre preconceito, justificaram suas respostas afirmando que se trata de um uso relativo (que depende do contexto), regional, que é costume, que as pessoas corrigem quando ouvem alguém falar, ou ainda que desconhecem o motivo de isso ocorrer. Um dos estudantes justificou a resposta afirmativa dizendo que **a gente** se trata de uma forma fresca. Alguns estudantes acham que o preconceito em relação à pessoa que fala **tu** ocorre também por ser uma forma errada, diferente, estranha e desrespeitosa. Portanto, as justificativas para a forma de 2ªPS são mais negativas se comparadas às da forma de 1ªPP.

Quanto às justificativas daqueles que afirmaram que as pessoas não sofrem preconceito ao utilizarem tais formas pronominais, os estudantes disseram que a forma **a gente** não é percebida, todos a falam, é espontânea, deixou de haver preconceito para quem a utilizar, conhecimento, desconhecem que alguém sofra preconceito por usá-la ou não souberam dizer o porquê. Cabe ressaltar que um estudante mencionou uma justificativa incongruente com a afirmação de a pessoa não sofrer preconceito: corrigem. No que concerne à forma **tu**, as justificativas dos estudantes foram que se trata de um uso regional, normal, costume, correto, relativo (por depender do contexto) e que desconhecem o fato de alguém sofrer preconceito por utilizá-la.

Considerações finais

Por meio de uma abordagem direta de atitudes linguísticas, elaboramos um questionário de atitudes a partir de seis parâmetros de avaliação das formas linguísticas: percepção da variação, crença de uso, julgamento metalinguístico, região, escolaridade e preconceito. A partir de um enfoque na dimensão cognitiva das atitudes linguísticas, analisamos as crenças de estudantes universitários em relação às formas pronominais **a gente** e **tu**. Os resultados mostram que a percepção dos universitários considera as dimensões de padronização e vitalidade das formas linguísticas, bem como a noção de normas sociais atreladas a esses comportamentos linguísticos, como adequação das formas na comunidade de fala.

Em relação à percepção da variação na expressão da primeira pessoa do plural e na referência à segunda pessoa do singular, a percepção dos universitários corrobora os estudos de produção linguística, em que a forma **a gente** apresenta alta frequência de uso e a forma **tu** baixa produtividade na comunidade sergipana. A crença dos universitários em relação ao próprio comportamento linguístico aponta alta frequência de aceitação de ambas as formas pronominais. Porém, ao analisarmos as respostas desfavoráveis ao uso, o pronome canônico **tu** obteve maior número de respostas negativas, comparado à forma **a gente**.

No julgamento metalinguístico das formas, houve prevalência de julgamentos neutros para ambos os pronomes, associando-os ao valor normal. Além disso, as avaliações também consideraram o valor de padronização das formas, levando em conta a frequência de uso, bem como a noção de adequação social. No tocante à correlação entre o uso das formas pronominais em análise e o fator regional, de maneira geral, os universitários não apresentaram uma relação clara entre as formas **a gente** e **tu** e regiões específicas, haja vista a citação de vários lugares diferentes, em diferentes regiões do país, com destaque para o Nordeste e Sergipe, isto é, região e estado em que os participantes estão inseridos.

Os universitários, de modo geral, não associaram o uso das formas **a gente** e **tu** ao fator social escolaridade. Ao justificarem a não correlação entre o comportamento linguístico e o nível de escolaridade do falante, os participantes afirmaram que as formas são corretas, fazem parte do costume linguístico, apresentam uso relativo, isto é, dependente da situação social imediata da comunicação e apresentam características regionais, não sendo, portanto, relacionadas ao nível de escolarização do falante.

Por fim, de acordo com a percepção dos estudantes universitários, de modo geral, o uso das formas pronominais analisadas não apresenta relação com o preconceito linguístico, ou seja, esses comportamentos linguísticos não são alvo de estigmatização pelos universitários da Universidade Federal de Sergipe, *Campus* Prof. Alberto Carvalho. As justificativas para a não correlação entre o uso das formas **a gente** e **tu** e o preconceito linguístico são distintas. Para a forma **a gente**, as justificativas relacionaram-se ao fato de seu uso ser despercebido, espontâneo e geral (todos falam). A forma **tu**, por outro lado, foi associada às justificativas regional, correto, costume e relativo, não sendo, por isso, alvo de preconceito.

Referências

- ARAUJO, A. S.; JESUS, E. A. B. de. Sociolinguística e ensino: avaliação e atitude linguística no contexto escolar. *Revista Interdisciplinar*. v. 29, jan.-jun., p. 87-107, 2018.
- BECHARA, E. *Gramática escolar de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.
- BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- CALMON, E. N. *Ponte da passagem: você e cê transitando na fala de Vitória (ES)*, Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2010.
- CARGILE, et al. Language attitudes as a social process: a conceptual model and new directions. *Language & Communication*, Vol. 14, Nº 3, p. 221-236, 1994.
- CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C.. *Gramática – texto, reflexão e uso*. São Paulo: Atual, 2008.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- FARACO, C.; MOURA, F. M.. *Gramática*. São Paulo: Ática, 2003.
- FOEGER, C. C. *A primeira pessoa do plural no português falado em Santa Leopoldina/ES*. 2014. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2014.
- FRANCESCHNI, L. *Variação pronominal nós/a gente e tu/você em Concórdia – SC*. 2011. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2011.
- FREITAG, R. M. K. Banco de dados falares sergipanos. In: *Working Papers em Linguística*, v. 14, p. 156-164, 2013.
- FREITAG, R. M. K. Uso, crença e atitudes na variação na primeira pessoa do plural no Português Brasileiro. *DELTA*, v. 32, p. 889-917, 2016.
- GARRETT, P. *Attitudes to language*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- GARRETT, P.; COUPLAND, N.; WILLIAMS, A. *Investigating language attitudes*. University of Wales Press, Cardiff, 2003.
- GILES, H.; COUPLAND, J.; COUPLAND, N. *Contexts of accommodation*. Cambridge University Press, New York, 1991.
- GONÇALVES, C. R. *Uma abordagem sociolinguística dos usos das formas **você**, **ocê** e **cê** no português*. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2008.
- LAMBERT, W. W.; LAMBERT, W. E. *Psicologia social*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1966.
- LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].
- LOPES, C. R. S. Pronomes Pessoais. In: BRANDÃO, S. F.; VIEIRA, S. R. (Orgs.). *Ensino de gramática: descrição e uso*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2007, v. 1, p. 103-114.
- LOPES, J. B. *Percepções e atitudes linguísticas dos chapecoenses frente à referência a segunda pessoa do singular (**tu/você**) no português brasileiro*. 2016. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, Chapecó/SC, 2016.
- LOREGIAN-PENKAL, L. *(Re)análise da referência de segunda pessoa na fala da região sul*. Tese. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2004.
- MARTINS, G. F. *A alternância **tu/você/senhor** no município de Tefé*. Estado do Amazonas. Dissertação (Mestrado). Universidade de Brasília, 2010.
- MENDONÇA, A. K. Nós e a gente na cidade de Vitória: análise da fala capixaba. *PerCursos Linguísticos*. Vol. 2, n. 4, 2012.
- MENDONÇA, J. J. *Variação na expressão da 1ª pessoa do plural: indeterminação do sujeito e polidez*. 2016. 102 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2016.
- MIRANDA, A. L. A. *Crenças, atitudes e usos variáveis da concordância verbal com o pronome **tu***. 2014. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.
- MODESTO, A. T. T. *Formas de tratamento no português brasileiro: a alternância “tu/você” na cidade de Santos-SP*. Dissertação. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006.
- NICOLA, José; TERRA, Ernani. *Português: de olho no mundo do trabalho*. São Paulo: Scipione, 2004.
- PAREDES SILVA, V. L. O retorno do pronome tu à fala carioca. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (Orgs.). *Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003. p. 160-169.
- SANTOS, K. C. *Estratégias de polidez e a variação de nós vs. a gente na fala de discentes da Universidade Federal de Sergipe*. Sergipe, 2014. Dissertação (Mestrado em Letras). Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe, 2014.
- VIANNA, J. S.; LOPES, C. R. S. Variação dos pronomes nós e a gente. In: MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. *Mapeamento Sociolinguístico do Português Brasileiro*. Editora Contexto, 2015, p. 109-131.
- VOTRE, S. J. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, M. C. & BRAGA, M. L. (Orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2008.
- WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

Recebido em 01/11/2018
e aprovado em 15/12/2018.